

A FEMINIZAÇÃO DA VELHICE NO CENTRO-DIA DE REFERÊNCIA PARA IDOSOS EM FORTALEZA-CE

Yara Bruna Vitorino de Paula

Bacharel em Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC, 2018). Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS - UECE), yarinhabrunaa@gmail.com;

Marcilio Dantas Brandão (orientador)

Bacharel em Ciências Sociais (UFC, 2001), mestre (2011) e doutor (2017) em Ciências Sociais pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Tendo realizado doutorado em co-tutela internacional, é também doutor em sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor visitante da Universidade Estadual do Ceará. marcilio.brandao@uece.br

Resumo

Na contemporaneidade, tem se percebido o levantamento de questões e demandas dirigidas aos poderes públicos a respeito do cuidado e proteção aos idosos. Entretanto, apesar de alguns avanços, quando a atenção é direcionada especificamente à situação da mulher idosa pode-se perceber esse contexto com maior agravo, já que de acordo com Almeida (2015), dentro de toda a conjuntura em que o envelhecimento populacional vem sendo discutido, destaca-se o elevado número de mulheres que estão envelhecendo, ou seja, a feminização da velhice. O Centro-Dia de Referência para Idosos (CDI) está previsto na Política Nacional do Idoso (PNI), caracterizando-se como uma organização que tem o intuito de desenvolver atividades efetivas em relação à qualidade de vida de pessoas idosas que nesse ambiente passam a realizar atividades cotidianas. O objetivo da pesquisa é compreender os significados de envelhecer para as mulheres idosas que integram o CDI a partir da visão que elas

têm de si mesmas e do processo de envelhecimento que estão vivenciando. Utilizamos discussões realizadas por autoras como Debert (2012), Motta (2006) e Salgado (2002) a partir dos seus estudos sobre envelhecimento feminino. A metodologia do trabalho é de cunho qualitativo, sendo realizadas observações e entrevistas, focando na história de vida das idosas do CDI Barra do Ceará. Ao decorrer das observações e das entrevistas, pode-se perceber inicialmente que sobre os significados construídos pelas idosas sobre o processo de envelhecimento, destacam-se conteúdos de perdas, desvalorização e desgastes. Por outro lado, são notados ganhos como: experiência, maturidade e realizações.

Palavras-chave: Feminização, Envelhecimento, Centro-Dia, Idoso.

Introdução

Na contemporaneidade, tem se percebido o levantamento de questões e demandas dirigidas aos poderes públicos a respeito do cuidado e proteção aos idosos. Fato comprovado através de políticas públicas, planos e ações direcionados a essa população e da aprovação do Estatuto do Idoso em 2003¹. Após esse marco na luta da dignidade e cidadania idosa, este segmento vem sendo fortalecido. Nesse sentido, as novas configurações como, por exemplo, a estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa² destinadas a proporcionar uma maior longevidade e qualidade de vida aos idosos são retratos de um país que se diz ter acordado para essas questões e que se propõe a resolvê-las.

Entretanto, apesar de alguns avanços, quando a atenção é direcionada à situação da mulher idosa, especificamente as mulheres pertencentes à classe com menor poder aquisitivo, pode-se perceber esse contexto com maior agravo, pelo fato de que essas mulheres, ao longo de suas vidas, além de vivenciarem um certo esquecimento pelo poder público, ainda hoje enfrentam estigmas e preconceitos por serem mulheres e velhas na sociedade capitalista.

Ao entrar na terceira idade, o indivíduo se depara com certas mudanças em relação à sua vida como um todo, essas mudanças não ocorrem facilmente e resultam em diversos conflitos de adaptação. Fernandes (2010) mostra que cada sujeito vivencia esse processo de envelhecimento de forma singular, “uma vez que esse fenômeno está estreitamente relacionado às formas materiais e simbólicas que identificam socialmente cada indivíduo” (FERNANDES, 2010, p. 772).

1 BRASIL. Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 03 out. 2003. Disponível em: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/98301/estatuto-do-idoso-lei-10741-03>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

2 Esse plano é incentivado pelo governo federal e se dar pelo o conjunto de iniciativas que têm por intuito reestabelecer a convivência de pessoas com mais de 60 anos e evitar seu isolamento, estimulando as cidades a promoverem ações destinadas ao envelhecimento mais saudável, sustentável e cidadão da população. Fonte: BRASIL. Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa Guia de Orientação. 2018. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/Brasil_Amigo_Pesso_Idosa/Guia_Orientacao_Brasil_Amigo_Pessoa_Idosa.pdf. Acesso em: 08 jun. 2020.

Debert (2012) apresenta a velhice não somente como um problema social e político, mas como uma realidade vivenciada por um grande número de pessoas, defendendo a importância de que a velhice deve ser compreendida como uma questão pública e não somente como uma questão privada.

Segundo a Organização das Nações Unidas, o período de 1975-2025 é considerado a “Era do Envelhecimento”. Isso significa, segundo Silva (2003), “que a taxa de crescimento da população global nos países desenvolvidos será de 21%, a geriátrica de 54%; e nos países em desenvolvimento, a global de 88% e a geriátrica de 123%” (SILVA, 2003, p. 104). Quando essas taxas se voltam para as mulheres velhas, a expectativa de crescimento populacional é de 56%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³.

Desse modo, nota-se que a população idosa necessita de uma atenção maior em relação ao seu bem-estar, principalmente as mulheres idosas, ainda existindo aquelas com um menor poder aquisitivo. Assim, as mesmas sofrem preconceitos, pois entende-se que envelhecer não representa o padrão de beleza jovem, como expõe Miranda (2010) “o envelhecimento da mulher na sociedade do espetáculo é visto como negligência dela própria e isso ocasiona desvalorização e não aceitação social” (MIRANDA, 2010, p. 09).

Diante disso, as mulheres idosas que fazem parte do Centro-Dia para Idosos foram as sujeitas escolhidas para a realização da pesquisa. As mesmas representam uma presença de mais de 70% nessa instituição, sendo elas as principais interlocutoras da pesquisa de monografia⁴ que foi realizada no ano de 2018. Debert (2012) afirma que as mulheres idosas são as que mais frequentam os programas voltados para a terceira idade, diferentemente dos homens que representam um número pequeno nesses espaços. Essa realidade também

3 Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. Fortaleza, 7 fev. 2014. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-deidosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 03 ago. 2019

4 PAULA, Yara Bruna Vitorino de. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ENVELHECIMENTO E QUALIDADE DE VIDA NO CENTRO-DIA DE REFERÊNCIA PARA IDOSOS EM FORTALEZA-CE. 2018. 71 f. Monografia - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

pode ser vista no Centro-Dia de Fortaleza, já que a maioria dos idosos que frequenta as atividades oferecidas pela instituição são mulheres.

O Centro-Dia para idosos, local onde essas idosas interlocutoras da pesquisa realizam atividades, fica localizado na Barra do Ceará, Fortaleza – CE, especificamente na comunidade Vila do Mar. O Centro-Dia é um aparelho social previsto na Política Nacional do Idoso que atende indivíduos a partir de 60 anos de idade que lá passam a realizar atividades da vida diária, como alimentação, mobilidade e higiene; atividades socioeducativas, como oficinas de artesanato, lazer, música, pintura, campanhas educativas que promovam e estimulem a participação do idoso; atividades físicas, como terapia ocupacional, ginástica e dança; atividades socioculturais, como dinâmicas de grupo, coral, teatro e uma horta comunitária e com o fim das atividades os idosos voltam para suas casas.

De acordo com Paula (2018), há dois anos o Centro-Dia concentrava cerca de 60 idosos, 30 em cada turno, atualmente esse número quase triplicou com 178 idosos divididos nos dois turnos. Assim, a pesquisa realizada tem como objetivo principal compreender os significados de envelhecer para as mulheres idosas que integram o Centro-Dia Fortaleza a partir da visão que elas têm de si mesmas, dos seus corpos e do processo de envelhecimento que estão vivenciando.

Metodologia

A pesquisa foi viabilizada dentro de uma pesquisa de cunho qualitativo, sendo realizada durante o ano de 2019 e 2020 no Centro-Dia de Referência para Idosos Fortaleza. O estudo foi fundamentado nos aportes teóricos e metodológicos das ciências sociais que trazem como tarefa principal a compreensão da realidade social, apresentando como conceito central a investigação dos significados, sendo uma teoria que permite conhecer melhor a influência subjetiva do que pensam os sujeitos de determinado grupo social sobre uma realidade comum.

A partir disso, a pesquisa foi realizada por meio de trabalho de campo no Centro-Dia para pessoas Idosas em Fortaleza, onde foi feito uso de observações participantes, entrevistas semiestruturadas e história de vida. Foi utilizado, também discussões realizadas por autores como Guita Debert (2012), Alda Motta (2006) e Mirian Goldenberg

(2017), entre outros, para o desenvolvimento da pesquisa a partir dos seus estudos sobre envelhecimento e envelhecimento feminino.

Desse modo, sobre o trabalho de campo, Cruz Neto (1994) entende como uma oportunidade de adquirir não só uma aproximação com os sujeitos da pesquisa e com as dimensões que se pretende conhecer e estudar, mas também de criar formas de conhecimentos que partam da própria realidade do campo de investigação. Assim, o trabalho de campo tem que ter ligação com o que se deseja pesquisar possibilitando diálogo com aquela realidade, permitindo uma melhor realização da pesquisa e uma relação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa.

A participação das idosas nos diferentes tipos de atividades que são realizadas no Centro-Dia e como a palavra “velha” se encontram associadas ou não a estigmas e preconceitos foram objetos de observações. Segundo Cruz Neto (1994), a observação participante ocorre a partir de uma plena participação, se realizando por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno que pretende estudar para, assim, ter informações sobre a realidade vivenciada pelos atores sociais, estabelecendo uma relação “face a face” com os sujeitos da pesquisa, o qual “nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto” (CRUZ NETO, 1994, p. 59).

Além do exposto, foi realizado também entrevistas com as sujeitas da pesquisa, tendo como finalidade compreender as concepções presentes de ser ou sentir-se velha e discutir sobre as atividades que são oferecidas e suas influências no processo do envelhecimento e na qualidade de vida das idosas que frequentam o Centro-Dia. Foram realizadas ao todo cinco entrevistas que tiveram a duração em média de 1h, seguindo todas os protocolos de cuidado orientados pela Organização Mundial de saúde (OMS) devido ao cenário pandêmico.

Em vista desse contexto, é importante salientar que o Centro-Dia para Pessoas Idosas tem seguido devidamente todas as medidas de proteção orientadas pela OMS (Organização Mundial da Saúde)⁵ e adotadas pelo Governo do estado do Ceará⁶. Desse modo, as entrevis-

5 OMS. **Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 04 dez. 2020.

6 CEARÁ, Governo do Estado do. **Força Anticorona: seja um agente de combate ao coronavírus. Seja um agente de combate ao coronavírus**. 2020. Disponível em: <https://>

tas aconteceram em uma sala ampla com ventilação e a distância de 2 metros entre a pesquisadora e as idosas participantes.

Assim, as perguntas foram realizadas mantendo o distanciamento físico e o gravador ficou mais próximo das entrevistadas para melhor apreensão das vozes delas. Como base fundamental da pesquisa, a História de Vida aparece como elemento que pode aprofundar as observações e entrevistas realizadas, para tentar compreender melhor a realidade das idosas do Centro-Dia a partir do que elas contam das suas vivências na velhice. Cruz Neto (1994), diz que a função principal do uso da história de vida é “retratar as experiências vivenciadas, bem como as definições fornecidas por pessoas, grupos ou organizações”, permitindo ao sujeito retomar suas vivências, fornecendo ao estudo um material profundamente rico para se analisar o que já foi vivido, podendo, até mesmo, encontrar dimensões coletivas a partir do olhar individual (CRUZ NETO, 1994, p. 58-59). Assim, como um dos pontos da presente pesquisa foi tentar compreender os significados que as idosas do CDI dão aos seus corpos e suas vivências, torna-se importante fazer uso da História de Vida, acreditando que essas idosas possam sintetizar suas experiências enquanto mulheres que estão vivenciando a velhice e mostrá-las por meio dos seus relatos de vida.

Diante disso, foi realizado alguns encontros com essas mulheres idosas, em que as entrevistas foram feitas de modo individual para tentar compreender por meio desse recurso como essas mulheres idosas que frequentam o CDI se percebem como mulheres vivendo essa fase da vida e como as mesmas lidam com os preconceitos sexistas e gerofóbicos, tendo como intuito também estabelecer uma relação com as idosas que integram o CDI.

Diante do exposto, entende-se que a forma como a pesquisa foi conduzida se utilizando dos recursos apresentado nos percursos metodológicos acima, foi percebida como uma maneira exequível de realização do estudo com objetivo de obter dados e inquietações que possam ajudar para melhor compreensão dos fenômenos sociais que envolvem a temática do envelhecimento feminino, tendo como objetivo principal tentar compreender as vivências e experiências dessas mulheres diante do envelhecimento.

Referencial teórico

Almeida (2015) mostra em seus estudos que a história da mulher na sociedade é acompanhada de desigualdades sociais, políticas e econômicas, mas a mulher idosa carrega discriminação pela idade, proveniente de uma sociedade voltada para a juventude. Osterne e Silveira (2012) explicam como as relações de desigualdade de gênero se estabelecem na transformação das diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades sociais, visto que cada sujeito já nasce com um sexo definido, entende-se que a desigualdade inserida nas relações de gênero é movida pela construção cultural dos papéis sociais que são destinados aos homens e as mulheres.

Ressaltamos que, por serem criadas e educadas dentro de uma cultura que propaga a superioridade masculina, as mulheres acabam por achar natural que os homens assumam o sustento do lar, não se envolvam com o trabalho doméstico, não se responsabilizem pelos cuidados com os filhos, exerçam livremente sua sexualidade e governem a vida de suas esposas. (OSTERNE; SILVEIRA, 2012, p.111).

Dessa maneira, de acordo com as autoras, com o aumento da idade, as mulheres são consideradas menos atrativas e passam a ser denominadas de “velhas”, ou até mesmo “deterioradas”, já os homens ganham prestígio nessa fase da vida, sendo denominados de “coroas e viris”. Apesar de muitos avanços e conquistas realizadas pelas mulheres, quando chegam na fase da velhice ainda sofrem estigmas e preconceitos referentes à sua imagem. Fernandes (2010) salienta que o padrão de beleza imposto pela sociedade contemporânea emerge inevitavelmente no processo de envelhecimento, já que “no imaginário social, a ideia de velhice e feiura parece sempre conciliável” (FERNANDES, 2010, p. 775). Assim, ocorre a negação da velhice, já que um corpo velho não corresponde aos padrões de beleza impulsionados pela sociedade por estar relacionado a decadência física.

Em muitos casos, as mulheres mais velhas sentem baixa estima sobre suas aparências, diferentemente dos homens que parecem ganhar prestígio na terceira idade. No contexto brasileiro, a autora Mirian Goldenberg (2017) vem desenvolvendo uma tese de que no Brasil “o corpo é um capital”; a autora apresenta os aspectos de

valoração desse “Corpo-capital” de grande importância na cultura brasileira demonstrando como ele pode ser um importante fator na vida das mulheres.

Desse modo, visto que, na cultura brasileira, “o corpo é percebido como um importante capital”, o envelhecimento pode ser experienciado como um momento de grandes perdas (GOLDENBERG, 2017, p. 103) em que a vida dessas mulheres idosas é cercada de estigmas sobre sua imagem, em que seu corpo é notado como feio, desgastado e frágil favorecendo sentimentos que podem interferir na vivência de sua sexualidade, por meio de uma “dominação social de seus corpos tanto no controle familiar e na medicalização das funções reprodutivas” (FERNANDES, 2009, p. 419).

Sobre a sexualidade da mulher idosa, pode-se dizer que se trata de um assunto tabu em uma sociedade que cria estigmas e preconceito sobre tal tema, pelo fato de ser disseminado o mito da velhice assexuada que traz um discurso que nessa fase da vida a sexualidade não é presente. Isso ocorre por esse tema sempre ser remetido à juventude, ficando os idosos, principalmente a mulher idosa, à parte desse assunto. Fernandes e Garcia (2010) também mostram vários aspectos sociais da vida da mulher na sociedade, já que muitas mulheres vivenciaram regras morais e sexuais na juventude que ainda controlam seus corpos na velhice.

Devemos considerar que estas mulheres foram socializadas num tempo em que as regras morais e sexuais eram bastante rígidas, quando o controle sobre a conduta e o comportamento das pessoas era algo muito bem definido pelas instituições, a começar pela família, interferindo, portanto, na expressão da sexualidade e do amor erótico, os quais eram marcados pelo ocultamento. (FERNANDES; GARCIA, 2010, p. 884).

Diante disso, o país mostra-se pouco preparado para garantir vida digna aos velhos, numa sociedade que transforma preconceitos em “vulnerabilidades”, desenhando perspectivas pouco otimistas para a atenuação das desigualdades estruturais. A sociedade coloca o velho numa situação típica de marginalização, na proporção em que ergue contra ele inúmeras barreiras sociais e desenvolve atitudes de preconceito e discriminação.

Sobre os Programas de Terceira Idade, Debert (2012) apresenta uma importante contribuição para os estudos sobre velhice com argumentos fundados nos preceitos da antropologia e da sociologia do envelhecimento. A autora dá visibilidade à questão, contribuindo para que a velhice deixe de ser uma questão privada para se transformar em uma questão pública.

Assim, sobre os Programas de Terceira Idade, a mesma conclui que:

Programas de Terceira Idade significa uma nova fase da vida, com oportunidade de realizar aquilo que não pôde ser concretizado na juventude, se divertir e fazer novos amigos, vivenciando uma experiência nova que, antes, tinha sido interferida por motivos pessoais ou de trabalho, construindo uma nova imagem de velhice bem-sucedida. (DEBERT, 2012, p. 38)

Dentro da dimensão de Programas para Terceira Idade, o Centro-Dia para pessoas Idosas é uma política que se propõe a melhorar a qualidade de vida dos idosos que participam de suas atividades. Essa organização tem o intuito de desenvolver atividades em relação à qualidade de vida dos idosos que o frequentam. Segundo Sá (2016), o surgimento dos Centros-Dia no Brasil se deu pela aprovação da Portaria nº1.395⁷ de 10 de dezembro de 1999, que se refere à Política Nacional de Saúde do Idoso, baseada na Lei Orgânica da Saúde nº 8.080/90, a qual certifica os direitos à saúde das pessoas idosas. Entre os diversos direitos, encontra-se o apoio na rede de serviços do Sistema Único de Saúde (SUS).

Assim, o modelo CDI, segundo Franciulli (2007), caracteriza-se pelo atendimento multiprofissional objetivando a promoção e proteção da saúde, bem como a socialização de seus frequentadores. Os Centros-Dia surgem também para atender a necessidade da população urbana que busca alternativas para oferecer serviços e locais adequados para que as pessoas idosas possam ter assistência de qualidade quando se refere à sua saúde e ao resgate da autonomia e independência.

7 Brasil, Portaria do gabinete do ministro de Estado da Saúde nº 1395, de 9/12/1999, que aprova a Política Nacional de Saúde do Idoso.

Resultados e discussão

Diante do exposto, pode-se entender que a velhice se feminilizou, destacando o elevado número de mulheres que estão envelhecendo, ocorrendo o fenômeno da feminização da velhice. Essa mulher velha é colocada em uma situação de vulnerabilidade social, em que suas necessidades econômicas, emocionais e físicas continuam a ser ignoradas socialmente, pelo fato dessas mulheres ao longo de suas vidas, além de vivenciarem um certo esquecimento pelo poder público, ainda hoje, enfrentam estigmas e preconceitos por serem mulheres e velhas em uma sociedade que não aceita suas condições.

Motta (2006), em seus estudos sobre gênero, afirma que a velhice afeta de modo distinto homens e mulheres, já que segundo Salgado (2002), todo esse processo parece ser vivenciado pelas mulheres idosas de forma mais intensa, já que as mesmas são discriminadas não só por serem mulheres, mas também por serem velhas, “sofrendo preconceitos sexistas e geronfóbicos” (SALGADO, 2002, p.01). Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o período de 1975-2025 é considerado a “Era do Envelhecimento”. Quando as taxas se voltam para as mulheres velhas esse número tem uma certa representação, já que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 56% da população idosa é constituída por mulheres quando comparado ao percentual de homens idosos.

Segundo Lemos e Medeiros (2011), a importância do Centro-Dia no atendimento ao idoso se dá pela disponibilidade de serviços que contribuem para atender as diferentes demandas que podem surgir no processo do envelhecimento por meio de atividades que promovam o desenvolvimento das relações interpessoais. É importante ressaltar, segundo Debert (2012) que as mulheres são as que mais frequentam esses programas, representando uma presença de 80% que frequentam esses tipos de programas. Desse modo, o cotidiano do Centro-Dia Barra do Ceará, também está inserido nessa realidade, já que mais da metade dos seus frequentadores é composto pelo público feminino.

Diante disso, a idade das participantes da pesquisa é entre 62 e 85 anos, as mesmas são moradoras da Barra do Ceará, bairro onde fica localizado o CDI. A maioria delas moram com filhos e/ou netos, sendo as principais responsáveis pelo sustento familiar e pelas suas vidas pessoais, o que envolve idas a médico, matrícula no CDI entre outras

questões. A maior parte dessas mulheres, também, apresentam algum problema de saúde como diabetes, hipertensão e/ou depressão. É importante salientar que grande parte das entrevistadas são viúvas e passaram de 15 a 40 anos casadas. As mesmas relatam que a vida teve uma melhora depois que os maridos morreram, já que passaram a ter uma vida mais tranquila, realizando projetos antigos.

A maioria delas, também, não tem uma vida sexual ativa, algumas falam sobre o assunto como algo que ficou no passado e já não tem mais importância hoje, já outras relatam suas experiências e afirmam que sentem falta de uma vida sexual ativa. As mesmas também mostram preocupação com suas aparências relacionando seus corpos, afirmando que mesmo nessa idade ainda gostam de pintar o cabelo, usar um batom e um bom perfume. Já o CDI aparece na fala das entrevistadas como uma ferramenta que é muito importante para suas vidas, contribuindo no fortalecimento de laços, na sociabilidade, na saúde e qualidade de vida dessas mulheres.

Considerações finais

Diante do exposto, entende-se que o envelhecimento é um fenômeno social que já vem sendo trabalhado durante um certo período, ganhando uma certa centralidade quando torna-se uma questão pública e mundial em decorrência dos grandes índices e projeções sobre o envelhecimento populacional que tem alterado os quadros demográficos, mostrando um crescimento significativo dessa população.

Desse modo, entende-se que muitos sujeitos não passam por essa fase da vida de modo fácil, sendo percebidos diversos aspectos sociais, culturais, biológicos e psicológicos que deixam esse estágio mais complicado. As mulheres, ainda, experienciam esse momento com mais dificuldade, visto que enfrentam estigmas e preconceitos por serem mulheres e velhas em uma sociedade que é conduzida pela estética da juventude, em que esses corpos envelhecidos não são aceitos, pois o que prevalece é a estética jovem, já que a juventude, segundo Barros (2011), mostra-se como algo em contraste à velhice, representando um padrão a ser seguido por todas as faixas etárias.

Sobre a sexualidade, cria-se um imaginário que a velhice seja assexuada e que nesse estágio, sobretudo as mulheres, não sentem e nem vivenciam mais o prazer, isto porque a sexualidade da mulher

ainda é muito ligada à questão reprodutiva. Nesse sentido, envelhecer e ser mulher em uma sociedade machista, sexista e “gerofóbica” torna-se uma desafio, uma vez que esses corpos que envelhecem não são aceitos, já que não representam um modelo de corpo ideal, sexualidade e juventude que são tidos como padrão. Assim, parece que a mulher não tem direito de envelhecer e ao envelhecer é retirada de cena ou deve se inserir em lógicas de rejuvenescimento que venham a negar as marcas dessa velhice.

Em vista do exposto, compreende-se que essa fase da vida é vivenciada com mais dificuldades e restrições, principalmente pelas mulheres que passam por preconceitos e estigmas referente a gênero e geração. Entretanto, como demonstra Goldenberg (2017), a velhice também pode ser ressignificada com outras facetas entre as mulheres, inclusive como um momento de maior liberdade, já que por vezes durante a trajetória de vida foram submetidas à dominação de seus corpos e condutas, uma vez que as mesmas tinham um papel social já definido. Dessa forma, Bassit (2002) acredita que o envelhecimento pode ser vivenciado de maneiras diversas, dependendo do modo de vida que os sujeitos têm, onde o envelhecimento passa a ter diferentes significados em relação à história de vida de uma pessoa, sendo importante que o envelhecimento seja considerado a partir de questões de gênero e classe social.

Referências

ALMEIDA, Alessandra Vieira et al. A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social / The Feminization of Old Age. **Textos & Contextos (porto Alegre)**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p.115-131, 30 jun. 2015. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1677-9509.2015.1.19830>. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view-File/19830/13313>>. Acesso em: 26 jul. 2019.

BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 45-64.

BASSIT, Ana Zahira. História de Mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); COIMBRA JÚNIOR, Carlos E. A. (org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 175-189.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. Cap. 3. p. 51-66.

DEBERT, Guita G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2012.

Declaração elaborada pelo Grupo de Trabalho da Qualidade de Vida da OMS. Publicada no glossário de Promoção da Saúde da OMS de 1998. “**A global strategy for healthy ageing**”. World Health. Genebra: Organização Mundial da Saúde 4 Julho-Agosto, 4-5. OMS (1994).

FERNANDES, Maria das Graças Melo; GARCIA, Loreley Gomes. O Sentido da Velhice para Homens e Mulheres Idosos. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 4, p.771-783, 30 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n4/05.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

FERNANDES, Maria das Graças Melo. O corpo envelhecido: percepção e vivência de mulheres idosas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, João Pessoa, v. 14, n. 35, p.878-890, 14 maio 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n35/aop2510.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2019.

_____. Problematizando o corpo e a sexualidade de mulheres idosas: o olhar de gênero e geração. **Revista de Enfermagem Ufrj**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 173, p.418-422, 08 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v17n3/v17n3a21.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

FERNANDES, Maria das Graças Melo; GARCIA, Loreley Gomes. O Sentido da Velhice para Homens e Mulheres Idosos. **Saúde Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 4, p.771-783, 30 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n4/05.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) – **Manual Estatístico do Brasil**, Rio de Janeiro, 1992.

FRANCIULLI, Sandra Elizabeth. A modalidade de assistência Centro-Dia Geriátrico: efeitos funcionais em seis meses de acompanhamento multiprofissional. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, V.12, n. 2, p 373-380, Apr. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232007000200013>. Acesso em: 15. set. 2018.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017. 103 p.

LEMOS, Naira; MEDEIROS, Sonia L. **Suporte Social ao idoso dependente** In: FREITAS, E. V. Tratado de Geriatria e Gerontologia- 3º Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, cap. 129, p. 1441-1448, 2011.

MIRANDA, Cynthia Mara. A CONSTRUÇÃO DO IDEAL DE BELEZA FEMININA EM COMERCIAIS DE TELEVISÃO. **Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia**, Palmas, p.1-12, out. 2010

MOTTA, Alda. Britto da. Visão antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006. Cap. 8, p.78-82.

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira; SILVEIRA, Clara Maria Holanda. Relações de gênero: uma construção cultural que persiste ao longo da história. **O Público e O Privado**, Fortaleza, v. 19, p.101-121, 12 maio 2012. Disponível em: <<http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=345>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

PAULA, Yara Bruna Vitorino de. **Representações sociais de envelhecimento e qualidade de vida no Centro-Dia de Referência para Idosos em Fortaleza-CE**. 2018. 71 f. Monografia - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SÁ, Luana Grassi de. **Centro Dia para idosos: uma nova proposta de espaço de lazer e atividades para a terceira idade**. 2016. 104 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares Sobre Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 0, p.7-19, 2002. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Rev.Envelhecer/article/view/4716/2642>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

SILVA, J. C. Velhos ou Idosos? **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 14, n° 26, p.94-111, jan. 2003.